



A educação contemporânea: Reflexões críticas¹

Contemporary education: Reflections criticisms

CRISTIANO STARLIN ERSE
Mestre e doutorando em direito. MBA
em gestão educacional. Professor e advogado. Estudante de psicologia
cristianoerse@gmail.com

RESUMO

O presente artigo científico tem como objetivo realizar uma análise crítica da educação contemporânea, questionando a ideia de ruptura entre metodologias tradicionais e modernos. A partir de uma revisão de literatura e dados documentais, demonstra-se que muitas metodologias tratadas como inovadoras são adaptações de ideias clássicas de autores como John Dewey e Paulo Freire. O estudo discute também a interdependência entre o ensino de conteúdo e o desenvolvimento de habilidades, desmistificando uma possível dicotomia entre ambos. Por fim, o artigo sugere que o discurso de inovação na educação pode ser mais uma estratégia mercadológica do que uma realidade substancial, defendendo a integração equilibrada de métodos tradicionais e inovadores para uma educação eficaz.

Palavras-chave: Metodologias de ensino; Educação contemporânea; Desenvolvimento de habilidades; Inovação pedagógica.

ABSTRACT

The scientific article aims to critically analyze contemporary education, questioning the perceived rupture between traditional and modern methodologies. Through a review of literature and documentary data, it demonstrates that many methodologies considered innovative are, in fact, adaptations of classical ideas from authors such as John Dewey and Paulo Freire. The study also explores the interdependence between content teaching and skill development, debunking a possible dichotomy between the two. Finally, the article suggests

¹ Agradeço e dedico esse artigo à Prof. Dr. Lucila Villella Starling Erse por ter contribuído com muitas sugestões de referência bibliográfica para a construção deste texto, além de considerações crítico-filosóficas certas. A vanguarda está na mente.

that the discourse Agradeço e dedico esse artigo à Prof. Dr. Lucila Villella Starling Erse por ter contribuído com muitas sugestões de referência bibliográfica para a construção deste texto, além de considerações crítico-filosóficas certas. A of innovation in education may be more of a marketing strategy than a substantial reality, advocating for the balanced integration of traditional and innovative methods for effective education.

Keywords: *Teaching methodologies; Contemporary education; Skill development; Pedagogical innovation.*

1 INTRODUÇÃO

As discussões sobre a necessidade de se reformar o sistema educacional são recorrentes e muitas vezes controversas. Nos últimos anos, tem-se observado um aumento de vozes que defendem uma verdadeira ruptura nos métodos impulsionada pelo nosso tempo.

Observa-se, assim, uma tendência em apontar muitas das estratégias de ensino construídas pela pedagogia e pelas ciências da educação clássicas como algo muito ultrapassado. Nesse sentido, as críticas recaem principalmente em relação às aulas expositivas e aos currículos voltados para a entrega de conteúdo. Como proposta de substituição ao que seria “velho”, parte dos estudiosos da área indicam a necessidade de migração para modelos chamados ativos que estimulem mais habilidades que conteúdo, o que é apresentado como uma abordagem grandemente inovadora.

Inúmeras pesquisas têm sido feitas para sustentar como a aprendizagem baseada em projetos, discussões em grupo, e o uso de tecnologias interativas, podem melhorar a retenção de conhecimento e o desenvolvimento de habilidades críticas. Estes métodos não apenas tornariam o aprendizado mais dinâmico e interessante, mas também incentivariam os alunos a aplicar o conhecimento, promovendo um entendimento mais profundo dos conceitos. (KOHN, 1999).

Para essa corrente, a diminuição do conteúdo expositivo permitiria mais tempo para que os alunos desenvolvam habilidades de pensamento crítico e resolução de problemas, trabalhando de forma colaborativa e explorando suas próprias curiosidades e interesses. Este tipo de ambiente de aprendizado seria mais alinhado com as demandas do século XXI, onde a capacidade de aprender continuamente e se adaptar a novas informações mostra-se essencial (ROBINSON e ARONICA, 2015).

Em que se pese o valor intelectual de tais pensamentos e das boas contribuições que trazem, os referidos posicionamentos não estão isentos de críticas e provocações substanciais no âmbito da sua eficácia real e, principalmente, de seu caráter inovador.

Embora existam inegáveis circunstâncias e cenários que justifiquem adaptações e evoluções no método de ensino, a ideia de anunciar uma alteração completa na educação - como se devêssemos jogar fora a pedagogia histórica e tradicional ou colocá-la em um segundo plano quase que figurativo - parece, para muitos, mais um discurso que uma realidade concreta.

Afinal, há de fato inovação ou somente uma repaginação? É possível desenvolver habilidades sem entregar conteúdo ou entregar conteúdo sem desenvolver habilidade? Aulas expositivas colocam os alunos sempre em uma posição passiva? Métodos ativos podem ser aplicados em quaisquer circunstâncias?

Frente a esses questionamentos, o presente artigo tem como objetivo discutir a educação contemporânea de forma crítica, partindo de boa revisão de literatura e levantamento de dados documentais.

2 METODOLOGIAS ATIVAS SÃO REALMENTE UMA NOVIDADE?

Inicialmente, vale ressaltar que as metodologias ativas, amplamente discutidas na educação contemporânea, têm suas raízes em ideias que remontam ao início do século XX. Muitos dos conceitos promovidos hoje não são, portanto, exatamente novos, mas sim repaginados e adaptados para os contextos atuais, como veremos a seguir por meio de uma breve revisão de marcos educacionais históricos e seus autores referência.

John Dewey é frequentemente considerado um dos fundadores do movimento da educação progressista. Em suas obras “Democracia e Educação” (1916) e “Experiência e Educação” (1938), ele já argumentava que a educação deve ser um processo dinâmico e interativo, centrado na experiência do aluno e que a aprendizagem ocorre de maneira mais eficaz quando os alunos são engajados ativamente em práticas que refletem a vida real. (DEWEY, 2011; 2010).

Carl Rogers, o pai da psicologia humanista, expandiu as ideias de Dewey ao

aplicar os princípios da psicoterapia à educação. Em “Liberdade para Aprender” (1969), Rogers propôs que a educação deva ser centrada no aluno, com o professor atuando como um facilitador. A aprendizagem só ocorreria, desse modo, em um ambiente onde os alunos se sentem seguros e valorizados. (ROGERS, 1973).

Lev Vygotsky, um psicólogo soviético, também contribuiu com sua teoria da “Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP)”, sugerindo que os alunos aprendem melhor quando estão em um ambiente onde podem realizar tarefas com a ajuda de um mentor ou colega mais experiente, fato que põe em destaque a importância da interação social e do aprendizado colaborativo. (VYGOTSKY, 1978).

Jean Piaget, um influente psicólogo suíço, introduziu a teoria do desenvolvimento cognitivo, que descreve como as crianças constroem gradualmente o conhecimento através de uma série de estágios. Em suas obras, como "A Psicologia da Criança" (1966), Piaget defendeu que a aprendizagem é um processo ativo e que as crianças aprendem melhor explorando e interagindo com o mundo ao seu redor. Seus conceitos de assimilação, acomodação e esquemas são fundamentais para compreender como os alunos processam novas informações e se adaptam a elas. (PIAGET, 1966).

Na segunda metade do século XX, o ilustre brasileiro Paulo Freire propôs uma abordagem crítica e emancipatória. Em suas obras *Pedagogia do Oprimido* (1968) e *Educação como Prática da Liberdade* (1967), Freire trouxe a perspectiva de que a educação deva ser um ato de libertação, promovendo o pensamento crítico e a conscientização social, partindo de aulas dialogadas e da participação ativa dos alunos no processo educativo.

David Kolb, por sua vez, formalizou o conceito de aprendizagem experiencial em sua obra “*Experiential Learning*”, na qual descreve a aprendizagem como um processo cíclico que envolve quatro estágios: experiência concreta, observação reflexiva, conceptualização abstrata e experimentação ativa. (KOLB, 1984).

Ao final do século XX, Eric Mazur desenvolveu o método de "instrução pelos colegas" (Peer Instruction). Nele, o autor aduz que os alunos aprendem mais eficazmente quando ensinam uns aos outros, discutindo e explicando conceitos em grupo. (MAZUR, 1997).

No início do século XXI, Sugata Mitra (2005), com seu experimento "Hole in the Wall", demonstrou que as crianças podem aprender de forma autodirigida quando têm

acesso a recursos tecnológicos e um ambiente de apoio, reforçando a ideia de que o aprendizado pode ser impulsionado pela curiosidade e pela auto-organização. (MITRA, 2005).

O panorama acima realizado é suficiente para demonstrar que a essência do que chamamos de metodologia ativa tem se desenvolvido gradativamente por décadas em movimento de continuidade e não de ruptura. Novos equipamentos e ferramentas surgiram com a tecnologia para colaborar com a implantação de seus ideais, entretanto, sem alterar os seus fundamentos principiológicos que permanecem próximos aos dos autores pioneiros.

Ademais, deve-se observar que nenhum os autores mencionados excluíram completamente o tradicional, como as aulas expositivas por exemplo. A postura foi sempre a de promover a integração de abordagens interativas e centradas no aluno com práticas educacionais estabelecidas, enfatizando a necessidade de um ambiente de aprendizagem seguro, relevante e interconectado. Esses pioneiros propuseram, de um modo geral, que, enquanto as metodologias ativas enriquecem a experiência educativa, os métodos tradicionais ainda têm seu lugar quando adaptados e contextualizados de maneira eficaz. Estratégias de participação ativa e passiva devem ser mescladas e funcionam como engrenagem a serviço da educação.

A análise histórica das metodologias ativas revela, desse modo, por todo o exposto, que muitas das ideias consideradas apresentadas como inovadoras hoje têm raízes profundas no pensamento educacional do século XX. O que vemos na educação contemporânea são adaptações e renomeações de princípios estabelecidos por pioneiros como os demonstrados acima.

3 DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES VS. CONTEÚDO

Extremamente relacionado ao tema das metodologias ativas, encontra-se o debate concentrado na aparente dicotomia entre o desenvolvimento de habilidades e o ensino de conteúdo. De um lado, as metodologias ativas, como a aprendizagem baseada em projetos e discussões em grupo, são frequentemente associadas ao desenvolvimento de habilidades como pensamento crítico, resolução de problemas, colaboração e criatividade. Estas abordagens enfatizariam a participação dos alunos

como protagonistas e a aplicação prática do conhecimento. De outro lado, dizem, as metodologias “chamadas de tradicionais”, baseadas em aulas expositivas, vistas como centradas no ensino de conteúdo, onde o professor transmite informações e os alunos são receptores passivos.

Mas seria isso uma realidade? Há de fato esse contraste? É possível trabalhar uma coisa sem a outra?

No entender dessa pesquisa, tratar a questão como uma dicotomia entre o desenvolvimento de habilidades e o ensino de conteúdo é um grande equívoco, pois não se pode conceber o desenvolvimento de habilidades sem conteúdo, assim como é inútil ensinar conteúdo sem desenvolver habilidades. A educação eficaz deve integrar ambos, reconhecendo que eles são interdependentes e se reforçam mutuamente, posição compartilhada por pensadores relevantes na educação.

Da mesma forma, é preciso reconhecer que não se pode afirmar categoricamente que as metodologias ativas negligenciam o conteúdo, assim como é incorreto dizer que as aulas expositivas não promovem o desenvolvimento de habilidades. Na verdade, o ensino de conteúdo e o desenvolvimento de habilidades são processos que se complementam. Uma metodologia ativa bem aplicada exige uma base sólida de conhecimento para que os alunos possam exercitar suas habilidades de forma significativa, enquanto uma aula expositiva eficaz deve ir além da simples transmissão de informações, estimulando a análise crítica e a aplicação prática do conhecimento adquirido. Assim, uma abordagem não sobrevive sem a outra, e o verdadeiro desafio educacional está em encontrar o equilíbrio entre essas dimensões, proporcionando uma formação integral aos estudantes.

Daniel T. Willingham, por exemplo, argumenta que o desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico depende profundamente do conhecimento de conteúdo. Para o renomado escritor, o pensamento crítico não é uma habilidade genérica que pode ser aplicada de maneira uniforme a qualquer situação; ao contrário, é altamente dependente do contexto e do conhecimento específico sobre o assunto em questão. Sem um sólido entendimento do conteúdo, os alunos não têm a base necessária para analisar, avaliar e aplicar informações de maneira crítica. (WILLINGHAM, 2009).

Da mesma forma, E. D. Hirsch Jr. destacou a importância do conhecimento de conteúdo para a cultura, pois o conhecimento factual é requisito para a compreensão

de textos complexos e para a participação informada em discussões sociais e cívicas. Em outros termos, a aquisição de conhecimento não é apenas um fim em si mesma, mas também um meio para o desenvolvimento de habilidades cognitivas superiores. (HIRSCH, 1999).

John Dewey, um dos maiores defensores da educação progressivas, conforme já mencionado anteriormente, nunca defendeu a exclusão do conteúdo em favor das habilidades, enfatizando que o aprendizado deve ser experiencial e conectado ao mundo real, mas sempre contextualizado por um repertório internalizado. Dewey acreditava que a educação deve preparar os alunos para a vida prática e para a cidadania democrática, o que requer tanto habilidades práticas quanto um conhecimento substancial do mundo em que vivem. (DEWEY, 2011).

Metodologias ativas, como a aprendizagem baseada em projetos e a instrução pelos colegas, exemplificam como o conteúdo e as habilidades podem ser integrados. Eric Mazur mostra que os alunos aprendem de maneira mais eficaz quando explicam conceitos uns aos outros e aplicam o conhecimento em contextos práticos. Este método não apenas reforça o conteúdo, mas também desenvolve habilidades de comunicação, colaboração e pensamento crítico. (MAZUR, 1997).

Além disso, frise-se o ensino baseado em aulas expositivas podem, também, desenvolver habilidades. O uso de perguntas direcionadas e debates em sala de aula pode estimular o pensamento crítico e a capacidade de argumentação dos alunos. Instruções diretas e as práticas guiadas são fundamentais para o desenvolvimento de habilidades, pois fornecem uma estrutura clara e consolidam o entendimento. (ROSENHINE, 2010).

4 Obstáculos para implementação de métodos ativos

As metodologias ativas enfrentam desafios significativos quando se trata de sua implementação prática, especialmente em contextos onde os alunos precisam conciliar os estudos com o trabalho. Um dos principais obstáculos é o tempo exigido por essas metodologias. Autores como Michael Fullan (2007) e José Moran (2015) apontam que, para que essas metodologias sejam eficazes, os alunos precisam dedicar uma quantidade substancial de tempo não apenas dentro da sala de aula, mas também fora dela, realizando pesquisas, desenvolvendo projetos e colaborando com colegas.

Essa demanda temporal pode ser particularmente problemática para estudantes que trabalham durante o dia e estudam à noite, como ocorre em muitos cursos noturnos. Nesses casos, o tempo disponível para atividades acadêmicas é severamente limitado, e a exigência adicional de envolvimento fora do horário de aula pode tornar a implementação das metodologias ativas insustentável. Moran (2015) destaca que, em tais situações, há um risco real de que os alunos se sintam sobrecarregados, resultando em menor engajamento e até mesmo em desistência dos cursos.

Adicionalmente, o próprio Fullan (2007) ressalta que a sobrecarga de tarefas e a necessidade de um envolvimento constante podem levar à exaustão dos estudantes, o que compromete a eficácia do processo de aprendizagem. Assim, embora as metodologias ativas ofereçam inegáveis benefícios pedagógicos, sua aplicação precisa considerar as condições concretas dos alunos, especialmente em contextos onde o tempo é um recurso escasso. A busca por um equilíbrio entre a inovação pedagógica e a realidade dos estudantes trabalhadores é fundamental para evitar que a promessa das metodologias ativas se transforme em um fardo adicional para aqueles que já enfrentam múltiplos desafios no seu percurso acadêmico.

4 NOVAS PERSPECTIVAS PARA AULAS EXPOSITIVAS

As aulas expositivas evoluíram ao longo do tempo, desafiando a premissa de que os alunos submetidos a essa metodologia estão completamente passivos. Embora as aulas expositivas sejam vistas como um símbolo do ensino tradicional, elas têm se adaptado às novas demandas educacionais e continuam a desempenhar um papel vital no desenvolvimento de habilidades essenciais.

Contrariamente à crença popular, as aulas expositivas podem promover um aprendizado ativo e engajado. O professor não é apenas um transmissor de conhecimento, mas também um facilitador que pode utilizar técnicas interativas, como perguntas direcionadas, debates e o uso de multimídia para tornar as aulas mais dinâmicas. Este tipo de abordagem tem sido defendido por Barak Rosenshine, que em seu artigo "Principles of Instruction" (2010), onde afirma que a instrução direta, quando bem executada, é extremamente eficaz para a aprendizagem. (ROSENSHINE, 2010).

John Hattie (2008) apresenta uma meta-análise de diversas práticas educacionais e conclui que a instrução clara e objetiva, característica das boas aulas expositivas, tem um impacto relevante na aprendizagem dos alunos. Defende o nobre pensador que a qualidade da instrução é mais importante do que o formato, e que aulas expositivas bem planejadas e executadas podem ser extremamente eficazes. O ensino expositivo pode desenvolver a habilidade de escuta ativa, permitindo que os alunos processem e compreendam informações complexas de maneira estruturada. (HATTIE, 2008).

As críticas às aulas expositivas como métodos de ensino ultrapassados muitas vezes ignoram essas nuances e a evolução desse formato pedagógico. A ideia de que as aulas expositivas submetem os alunos a uma metodologia totalmente passiva é, portanto, um equívoco. Em vez disso, quando utilizadas de forma estratégica e dinâmica, as aulas expositivas continuam a ser uma ferramenta valiosa no arsenal educacional, promovendo tanto a aquisição de conhecimento quanto o desenvolvimento de habilidades essenciais como a concentração e a anotação sintética.

5 EQUILÍBRIO NA EDUCAÇÃO: UMA ABORDAGEM INTEGRADA

Uma postura radical sobre ruptura educacional mostra-se, no entender desse estudo, inviável, pois boa parte do que é promovido como inovador na verdade se baseia em princípios já estabelecidos e comprovados pela pedagogia tradicional. Ao examinar as metodologias ativas e outras práticas educativas consideradas modernas, percebe-se que muitas delas são, na realidade, versões renovadas de métodos tradicionais que foram adaptados para os contextos contemporâneos.

Por outro lado, é inegável que novas circunstâncias e possibilidades contemporâneas trazem a necessidade de evoluções. As rápidas mudanças tecnológicas, as demandas do mercado de trabalho do século XXI e a diversidade crescente nas salas de aula requerem que as práticas educacionais busquem frescor.

Dentro desse quadro, uma corrente significativa de pensadores acredita que a educação deve seguir de maneira equilibrada, integrando práticas tradicionais que possuem valor comprovado. Essa perspectiva crítica destaca a importância de não abandonar completamente as metodologias tradicionais, mas sim de integrá-las com

novas abordagens para alcançar um ensino mais eficaz e inclusivo.

E. D. Hirsch Jr., em *Cultural Literacy: What Every American Needs to Know* (1987), defendeu a necessidade de uma base comum de conhecimento para a cidadania e a comunicação efetiva. De acordo com o seu pensamento substituir totalmente os métodos tradicionais por metodologias ativas pode resultar em lacunas no conhecimento dos alunos, prejudicando sua capacidade de participar de discussões mais complexas e informadas. (HIRSCH, 1987).

Diane Ravitch, uma das mais importantes historiadoras da educação, enfatiza, por sua vez, em *The Death and Life of the Great American School System* (2010), a importância de aprender com a história educacional. Ravitch acredita que as reformas que tentam uma ruptura completa com o passado muitas vezes falham ao ignorar as lições valiosas das práticas tradicionais. Ela defende uma abordagem equilibrada, que incorpore o melhor dos métodos tradicionais e das novas metodologias para promover um desenvolvimento educacional mais robusto. (RAVITCH, 2010).

Daniel T. Willingham, em *Why Don't Students Like School?* (2009), utiliza princípios das ciências cognitivas para argumentar que os métodos tradicionais de ensino, como a memorização e a prática repetitiva, são importantíssimos para a retenção de informações e o desenvolvimento de habilidades básicas. Uma ruptura completa com essas práticas poderia, assim, comprometer a capacidade dos alunos de adquirir conhecimentos fundamentais e também de habilidades e competências. (WILLINGHAM, 2009).

Neil Postman, em *The End of Education: Redefining the Value of School* (1995), argumenta que a educação deve conservar e transmitir a cultura. Ele critica a ideia de uma ruptura total com o passado, sugerindo que isso pode levar à perda de valores culturais e conhecimentos importantes, corroborando, desse modo, com a ideia de equilibrar inovação com a preservação, promovendo uma continuidade educacional. (POSTMAN, 1995).

Paul A. Kirschner, John Sweller e Richard E. Clark argumentam que métodos como a instrução direta são mais eficazes para o aprendizado inicial. Eles criticam a substituição completa desses métodos por metodologias ativas, afirmando que a instrução direta fornece uma base sólida de conhecimento fundamental para o desenvolvimento de habilidades complexas. (KIRSCHNER; SWELLER; CLARK, 2006).

Linda Darling-Hammond aduz que a educação deve ser equitativa e inclusiva, incorporando tanto a transmissão de conhecimento factual quanto o desenvolvimento de habilidades críticas. Para isso, o uso de metodologias ativas, como a aprendizagem baseada em projetos, deve ser usado concomitantemente com outros métodos dentro de um currículo bem estruturado e consistente. (DARLING-HAMMOND, 2010).

Carol Ann Tomlinson, uma autoridade em diferenciação instrucional, defende que os educadores devem adaptar suas práticas para atender às diversas necessidades dos alunos, demonstrando que a diferenciação pode ser alcançada combinando métodos tradicionais com abordagens inovadoras, permitindo que os professores promovam um ambiente de aprendizagem inclusivo e eficaz. (TOMLINSON, 2017).

John Hattie fornece uma visão baseada em evidências sobre o que funciona na educação, afirmando que tanto os métodos tradicionais quanto os inovadores têm seu lugar na sala de aula, desde que sejam usados adequadamente às circunstâncias. (HATTIE, 2008).

Howard Gardner, conhecido por sua teoria das inteligências múltiplas, defende igualmente uma abordagem educacional que combine métodos tradicionais e inovadores para atender às diversas formas de aprender dos alunos. (GARDNER, 2006).

Larry Cuban é outro autor que explora como a ideia de que a implementação de inovações educacionais muitas vezes não resulta na exclusão das práticas tradicionais, mas sim em uma integração que respeita o valor de ambos. (CUBAN, 2013).

Esses pensadores – e muitos outros que poderiam ser aqui citados, buscam um equilíbrio entre métodos tradicionais e modernos na educação defendem uma abordagem integrada que combine o melhor de ambos os mundos. Ao integrar práticas, esses pensadores acreditam que é possível criar um sistema educacional mais completo e eficaz, preparado para atender às diversas necessidades dos alunos e aos desafios do futuro.

6 NOVAS TECNOLOGIAS RENOVANDO ESTRATÉGIAS CLÁSSICAS DA EDUCAÇÃO

Será que a tecnologia por si só é capaz de realizar uma completa ruptura dos métodos educativos? No entendimento deste trabalho, a resposta é outra vez não. As novas ferramentas tecnológicas devem ser vistas como meios para potencializar a educação, e não como fins em si mesmos. Elas oferecem uma gama de recursos que podem ser adaptados para diferentes abordagens pedagógicas, promovendo uma experiência de aprendizagem mais rica e diversificada. Além disso, a introdução dessas tecnologias não representa uma ruptura com a pedagogia clássica, mas sim uma evolução que integra os meios e não os fins da educação.

Aulas expositivas, por exemplo, são uma estratégia clássica na educação onde o professor transmite conhecimento diretamente aos alunos. Com a tecnologia, essas aulas podem se tornar mais dinâmicas e interativas. Plataformas como “Prezi” e “PowerPoint”, com recursos avançados, e quadros brancos interativos (“smartboards”) permitem que os conteúdos sejam apresentados de forma visualmente atrativa. Ferramentas como “Mentimeter” possibilitam a inserção de perguntas em tempo real, promovendo a interação dos alunos durante a aula expositiva.

Discussões em sala de aula também ganham uma nova roupagem com a tecnologia. Fóruns de discussão em plataformas de aprendizagem, como “Moodle” e “Canvas”, permitem que os alunos postem suas opiniões, respondam a colegas e participem de debates estruturados. Ferramentas como “Flipgrid”, que permitem a gravação de vídeos curtos, tornam as discussões mais engajadoras e dinâmicas.

A aprendizagem baseada em projetos (ABP) é outra beneficiada pelas novas tecnologias. Ferramentas de gerenciamento de projetos como “Trello”, “Asana” e “Microsoft Teams” ajudam na organização, atribuição de tarefas e comunicação eficaz entre os membros do grupo. Plataformas de criação de conteúdo como “Google Workspace” permitem colaboração em tempo real em documentos, planilhas e apresentações, facilitando o trabalho em grupo.

As avaliações, que tradicionalmente envolvem provas e testes escritos, podem ser transformadas com sistemas de avaliação online. Plataformas como “Kahoot!”, “Quizizz” e “Google Forms” tornam as avaliações interativas e gamificadas, oferecendo feedback imediato e permitindo que os alunos compreendam seus erros

e aprendam em tempo real. A leitura e discussão de textos, uma prática educativa fundamental, também se beneficia das tecnologias digitais. O uso de “eBooks” e plataformas como “Kindle” e “Google Books” permite anotações, marcações e compartilhamento de comentários. Ferramentas como “Hypothesis” possibilitam a anotação colaborativa de textos online, promovendo discussões enriquecedoras entre os alunos.

Laboratórios e experimentos, tradicionalmente realizados em laboratórios físicos, podem ser complementados ou substituídos por laboratórios virtuais e simulações online. Plataformas como “PhET Interactive Simulations” e “Labster” oferecem experiências interativas que permitem que os alunos conduzam experimentos de forma segura e econômica, trazendo uma nova dimensão para o aprendizado científico.

Sessões de tutoria presenciais, usadas para ajudar os alunos com dificuldades, podem ser complementadas com tutores virtuais baseados em inteligência artificial. “Chatbots” e tutores virtuais, como o “Watson da IBM”, podem fornecer suporte personalizado, respondendo a perguntas frequentes e oferecendo retorno imediato. Ferramentas de IA como a Khan Academy e “chat gpt” utilizam algoritmos para adaptar o conteúdo às necessidades individuais dos alunos, promovendo um aprendizado mais personalizado.

Finalmente, apresentações orais, uma prática clássica para desenvolver habilidades de comunicação, também ganham uma nova dimensão com a tecnologia. Ferramentas de criação de vídeo como “Loom”, “Screencast-O-Matic” e “Adobe Spark” permitem que os alunos criem e compartilhem apresentações em vídeo, ajudando a desenvolver habilidades de comunicação em um formato digital.

Esses exemplos ilustram que, apesar das ferramentas tecnológicas serem novas, o que realmente percebemos é uma continuidade na aplicação dos princípios educativos clássicos. A tecnologia não substitui as bases tradicionais da educação, mas as complementa e enriquece, proporcionando novas maneiras de engajar os alunos e de tornar o aprendizado mais dinâmico e eficaz. Essa integração harmoniosa entre o antigo e o novo reafirma a importância de uma pedagogia fundamentada em métodos comprovados, enquanto se aproveita das inovações tecnológicas para potencializar os resultados educacionais.

7 O DISCURSO DO TOTALMENTE NOVO COMO ESTRATÉGIA DE MARKETING NA EDUCAÇÃO

Mas se os princípios educacionais parecem se manter próximos aos clássicos e se a tecnologia contribui mais com os meios do que os fins, porque tanto se fala em ruptura e inovação?

Uma das respostas mais consistentes para essa pergunta é de que a ideia de que o discurso do "totalmente novo" na educação é, em grande parte, uma estratégia de "marketing", e não uma realidade substancial, algo que tem sido explorado por vários autores. Estes críticos argumentam que muitas das "novidades" apresentadas como revolucionárias são, na verdade, versões repaginadas de práticas e ideias já existentes. Eles sugerem que o "novo" muitas vezes não passa de uma reinvenção do "velho" com uma camada de verniz moderno, destinada a encantar os entusiastas da inovação.

Nesse cenário, aliás, tem se tornado quase cômico observar como expressões em inglês são usadas para impressionar e vender ideias de inovação. Termos como "flipped classroom," "blended learning," e "gamification" são lançados com entusiasmo em conferências e publicações, como se a simples adoção de uma nova terminologia pudesse garantir uma revolução pedagógica. É irônico, contudo, que muitas das tão celebradas metodologias ativas são frequentemente apresentadas em... sim, aulas expositivas. A preponderância de discursos sobre o fim das aulas expositivas é, muitas vezes, conduzida através de longas e tradicionais palestras. Essa contradição não passa despercebida e sugere que talvez o problema não esteja na forma expositiva em si, mas na maneira como é utilizada. Afinal, a substância do ensino eficaz reside mais na qualidade da interação e no engajamento do que na adoção acrítica de jargões modernos.

Henry Giroux, um crítico do neoliberalismo na educação, argumenta que a mercantilização do setor educacional tem levado à promoção de novas práticas e tecnologias como soluções revolucionárias para problemas antigos. Em sua obra *Neoliberalism's War on Higher Education* (2014), Giroux sugere que muitas das inovações educacionais apresentadas como novas são, na verdade, estratégias de marketing destinadas a vender produtos e serviços educacionais. Ele critica a forma como o discurso do "novo" é utilizado para justificar cortes em práticas pedagógicas

tradicionais e a adoção de tecnologias caras que nem sempre melhoram a aprendizagem. (GIROUX, 2014).

Frank Furedi é outro que discute como a cultura da inovação constante na educação pode ser enganosa. Ele expõe que o foco incessante em "novidades" e "revoluções" educativas muitas vezes obscurece o valor das metodologias tradicionais que têm uma base sólida de eficácia comprovada, indicando que a promoção do novo como inerentemente superior é uma estratégia que capitaliza a ansiedade dos educadores e formuladores de políticas sobre a necessidade de modernização. Afinal, quem precisa de sólidas práticas pedagógicas quando se pode ter um "learning experience" imersivo e altamente disruptivo?

Ken Robinson, um conhecido defensor da reforma educacional, explora a tensão entre a necessidade de inovação e a valorização de práticas educativas comprovadas. Embora Robinson defenda mudanças no sistema educacional, ele também alerta contra a adoção de novas práticas por motivos de moda, sem uma avaliação crítica de sua eficácia. Ele sugere que muitas das chamadas inovações são versões reembaladas de ideias antigas. Como diz o ditado, "tudo que é novo é bem esquecido velho", mas com um toque de "smart" e "digital". (ROBINSON, 2015).

Audrey Watters, uma crítica da tecnologia na educação, aborda como o "hype" em torno de novas tecnologias educacionais frequentemente serve aos interesses de empresas de tecnologia mais do que aos dos alunos. Em seu blog e em artigos como "The History of the Future of Education Technology" (2014), Watters mostra que o discurso do "novo" é frequentemente utilizado para vender produtos que não trazem melhorias reais para a aprendizagem, levantando a bandeira de uma abordagem mais crítica e histórica na avaliação de inovações tecnológicas na educação. Afinal, uma "edtech solution" pode parecer fascinante, mas será que ela realmente supera o velho e bom livro didático? (WATTERS, 2014).

Zygmunt Bauman, em sua obra *Modernidade Líquida* (2000), aborda a natureza efêmera e volátil das inovações na sociedade contemporânea. Embora seu foco principal não seja a educação, seus ensinamentos sobre a modernidade líquida ajudam a entender por que tantas inovações educacionais são promovidas como "revolucionárias" mas rapidamente substituídas por novas "modas". Essa incessante busca pelo novo é uma característica da modernidade líquida, onde a estabilidade e

a continuidade são constantemente desafiadas. Em outras palavras, o "cutting-edge" de hoje é o "passé" de amanhã. (BAUMAN, 2000).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais deste artigo ressaltam que a educação contemporânea, embora frequentemente apresentada como um campo em constante ruptura e inovação, na verdade mantém fortes vínculos com princípios pedagógicos tradicionais.

A análise das metodologias ativas mostrou que muitos dos conceitos considerados inovadores são, na realidade, adaptações e renomeações de ideias desenvolvidas ao longo do século XX por autores como John Dewey, Paulo Freire e Carl Rogers. Esses pioneiros já defendiam a importância de um aprendizado experiencial e centrado no aluno, conceitos que continuam a influenciar as práticas educacionais contemporâneas.

O artigo discutiu, de igual modo, a falsa dicotomia entre o ensino de conteúdo e o desenvolvimento de habilidades, argumentando que ambos são interdependentes e essenciais para uma educação eficaz. As metodologias ativas, quando bem aplicadas, não negligenciam o conteúdo, mas o utilizam como base para desenvolver habilidades críticas. Da mesma forma, as aulas expositivas, muitas vezes criticadas por sua passividade, podem ser adaptadas para promover um aprendizado ativo e engajado.

Outro ponto central abordado foi o desafio de implementar metodologias ativas em contextos onde os alunos têm pouco tempo disponível, especialmente em cursos noturnos para estudantes que trabalham. Esse obstáculo destaca a importância de considerar as realidades práticas dos estudantes ao propor inovações pedagógicas.

Por fim, defendeu-se o ponto de vista que o discurso do "totalmente novo" na educação, muitas vezes promovido como uma estratégia de marketing, pode ser enganoso. A ideia de uma ruptura completa com o passado ignora o valor das práticas tradicionais que têm eficácia comprovada. A integração equilibrada de métodos tradicionais e inovadores, potencializada pelo uso consciente da tecnologia, é apresentada como a abordagem mais viável para enfrentar os desafios educacionais do século XXI.

REFERÊNCIA

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- CUBAN, Larry. **Inside the Black Box of Classroom Practice: Change Without Reform in American Education**. Cambridge: Harvard Education Press, 2013.
- DARLING-HAMMOND, Linda. **The Flat World and Education: How America's Commitment to Equity Will Determine Our Future**. New York: Teachers College Press, 2010.
- DEWEY, John. **Democracia e Educação: uma introdução à filosofia da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- DEWEY, John. **Experiência e Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FULLAN, Michael. **Change the World in Motion: The Real Reform Begins with Us**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- FUREDÍ, Frank. **Wasted: Why Education Isn't Educating**. London: Continuum, 2009.
- GARDNER, Howard. **Multiple Intelligences: New Horizons**. New York: Basic Books, 2006.
- GIROUX, Henry. **Neoliberalism's War on Higher Education**. Chicago: Haymarket Books, 2014.
- HATTIE, John. **Visible Learning: A Synthesis of Over 800 Meta-Analyses Relating to Achievement**. London: Routledge, 2008.
- HIRSCH, E. D. **Cultural Literacy: What Every American Needs to Know**. Boston: Houghton Mifflin, 1987.
- HIRSCH, E. D. **The Schools We Need and Why We Don't Have Them**. New York: Doubleday, 1999.
- KIRSCHNER, Paul A.; SWELLER, John; CLARK, Richard E. **Why Minimal Guidance During Instruction Does Not Work: An Analysis of the Failure of Constructivist, Discovery, Problem-Based, Experiential, and Inquiry-Based Teaching**. *Educational Psychologist*, v. 41, n. 2, p. 75-86, 2006.
- KOHN, Alfie. **The Schools Our Children Deserve: Moving Beyond Traditional Classrooms and "Tougher Standards"**. Boston: Houghton Mifflin, 1999.
- KOLB, David A. **Experiential Learning: Experience as the Source of Learning and Development**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1984.

MAZUR, Eric. **Peer Instruction: A User's Manual**. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall, 1997.

MITRA, Sugata. **The Hole in the Wall: Self-Organising Systems in Education**. New Delhi: Tata McGraw-Hill, 2005.

MORAN, José Manuel. **Metodologias Ativas para a Transformação da Educação**. São Paulo: Fundação Santillana, 2015.

PIAGET, Jean. **A Psicologia da Criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1966.

POSTMAN, Neil. **The End of Education: Redefining the Value of School**. New York: Vintage Books, 1995.

RAVITCH, Diane. **The Death and Life of the Great American School System: How Testing and Choice Are Undermining Education**. New York: Basic Books, 2010.

ROBINSON, Ken; ARONICA, Lou. **Creative Schools: The Grassroots Revolution That's Transforming Education**. New York: Viking, 2015.

ROGERS, Carl. **Liberdade para Aprender: Uma Abordagem Revolucionária do Modo de Educar**. São Paulo: Martins Fontes, 1973.

ROSENSHINE, Barak. **Principles of Instruction**. International Academy of Education, v. 27, p. 1-32, 2010. Disponível em: <https://www.aft.org/sites/default/files/periodicals/Rosenshine.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2024.

SELWYN, Neil. **Should Robots Replace Teachers? AI and the Future of Education**. Cambridge: Polity, 2019.

SIEMENS, George. **Knowing Knowledge**. Vancouver: Lulu Press, 2006.

TOMLINSON, Carol Ann. **How to Differentiate Instruction in Academically Diverse Classrooms**. Alexandria: ASCD, 2017.

VYGOTSKY, Lev S. **A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WATTERS, Audrey. **The History of the Future of Education Technology**. [Blog]. Disponível em: <http://hackededucation.com/2014/12/03/the-history-of-the-future-of-education-technology>. Acesso em: 05 ago. 2024.

WESCH, Michael. **A Vision of Students Today**. [Vídeo]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dGCJ46vyR9o>. Acesso em: 05 ago. 2024.

WILLINGHAM, Daniel T. **Why Don't Students Like School? A Cognitive Scientist Answers Questions About How the Mind Works and What It Means for the Classroom**. San Francisco: Jossey-Bass, 2009.